

Do Sonho à Realidade:

A Jornada Agroecológica de Anailza e Aldenir no Sítio Benefício



Há 23 anos, Anailza da Silva André de Andrade e Aldenir Oliveira de Andrade uniram suas vidas, desejando possuir uma terra própria para viverem da agricultura familiar. O casal e os três filhos, Ana Júlia, de 10 anos, Simão Pedro, de 18 anos e Camila, de 23 anos, sempre residiram no Sítio Benefício, na cidade de Esperança, território do Polo da Borborema. Quando receberam a notícia de que a mãe de Aldenir cederia um terreno para realizarem seu sonho, a alegria foi grande, embora o desafio de construir tudo do zero ainda estivesse à frente.

Para transformar aquele pedaço de chão em um lar, o acesso a créditos como o Pronaf e o CrediAmigo foi essencial. Aldenir, além de trabalhar como mecânico e entregador, dedicava-se à construção da casa, enquanto Anailza cuidava das criações, do roçado e da família. Aldenir aprendeu com o pai a construir cisternas e então construiu suas duas cisternas de 16 mil litros.

"Quando eu vim morar aqui, para mim foi como se eu tivesse me libertado, porque eu vivia num canto muito apertado com três filhos, na casa de minha sogra. Aqui, cada um tinha seu cantinho." Com espaço e liberdade, Anailza pôde iniciar sua criação de galinhas, um dos seus muitos sonhos.

Embora Aldenir já fosse membro da Associação dos Agricultores e Agricultoras da Comunidade Benefício há anos, sua participação no trabalho comunitário não era ativa. Foi através do Projeto Borborema Agroecológica, realizado pelo Polo da Borborema e pela AS-PTA, que a família passou a participar mais ativamente das reuniões e discussões, o que garantiu sua participação no fundo rotativo solidário. Este apoio permitiu-lhes adquirir um fogão agroecológico, uma tela para o galinheiro e ovelhas da raça Morada Nova, mais adaptada à região onde moram.

Com a participação mais ativa na Associação e no Sindicato, a família se tornou protagonista de sua própria história como agricultores experimentadores. Eles seguiram envolvidos nas reuniões e conquistaram duas tecnologias fundamentais para a economia de cada gota de água: o sistema de reuso de águas (RAC) e o canteiro sombreado. Assim, o sonho de Anailza e Aldenir, nutrido com trabalho árduo, apoio comunitário e amor pela terra, floresceu.

"Com o reuso, eu não preciso estar ali com o baldinho aguando as plantas, nem mudando cano de lugar, como eu fazia antes. Eu tinha um pé de goiaba e um de banana, e eu precisava ir lá todo dia e mudar de um para o outro; hoje eu não preciso fazer isso... já fiquei até sem andar quando vim morar aqui de tanto trabalhar na agricultura e carregar peso," lembrou Anailza.

"O fogão também ajudou na alimentação e na renda. Já passamos até 6 meses sem comprar gás quando temos lenha," complementou Aldenir.





Aldenir conta que a estratégia das Comunidades Resilientes ajudou a fortalecer a união da comunidade e a melhorar a vida da família. Ele explica que, com o apoio do projeto Borborema Agroecológica a comunidade aprendeu a cuidar dos recursos e a enfrentar as dificuldades do clima. "A gente fortaleceu a criação dos animais, começou a usar fogões ecológicos e organizou os Fundos Rotativos Solidários" diz ele. Esse trabalho, feito em sete comunidades do território da Borborema, incluindo a comunidade Benefício, trouxe mais força e autonomia para a comunidade, com o objetivo de promover resiliência e inovação, proporcionando um bem viver coletivo.

Hoje, ao redor da casa da família, há uma grande diversidade de frutíferas, como goiaba, caju, pinha, maracujá, banana e limão, além de uma bela horta e a criação de galinhas e ovelhas. Tudo é produzido com base nos princípios da agroecologia e com a preocupação da divisão justa do trabalho entre os membros da família. A maior parte da produção é consumida pela própria família, que comercializa apenas o excedente. "Antes, a gente não plantava, aí depois do reuso e do canteiro, mudou 100% a alimentação, porque a gente pega ali sem veneno, sei de onde está vindo. Como sem medo!", disse Anailza.

Atualmente, o casal é bastante atuante na comunidade, participando inclusive da direção da associação, do grupo de mulheres, da comissão de criação animal e do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Esperança. "Antes, a gente não tinha conhecimento de nada, eu só ficava em casa. Antes eu só pensava em criar filhos e fazer as coisas de casa e hoje, não. Hoje, eu penso em trabalhar e ter minhas coisas," comentou Anailza.

“

"Antes, a gente não plantava, aí depois do reuso e do canteiro, mudou 100% a alimentação, porque a gente pega ali sem veneno, sei de onde está vindo. Como sem medo!"

”



E os sonhos não param por aí! A família deseja conquistar ainda uma cisterna de 52 mil litros para potencializar a produção de frutíferas e, assim, realizar o sonho de Anailza, que é construir uma quitanda no quintal de sua casa e comercializar frutas frescas e beneficiadas, como polpas e doces, para a sua comunidade, sonhando com uma permanência da família no campo de forma digna e sustentável.

Saiba mais sobre a experiência família:

Ouçá a história da família:

AD



Para ouvir este Candeeiro, aponte a câmera do celular para o QR Code .

Assista aqui Anailza mostrando seu fogão ecológico:



Assista aqui Anailza e Aldenir mostrando seu canteiro sombreado:

